

AULAS DE *BALLET* CLÁSSICO PARA ADOLESCENTES COM SÍNDROME DOWN

Luisa D'Alessandro Ribeiro¹; Professora Dr. Andresa de Souza Ugaya²; Professora Ms. Ana Carla Vieira³

¹Graduanda do curso de Psicologia na Universidade do Sagrado Coração, e-mail: luisa.dale24@gmail.com;

²Orientadora e Professora de Educação Física da UNESP, e-mail: ugaya.fc@unesp.com.br; ³Co-orientadora e professora na Universidade do Sagrado Coração, e-mail: anacarlaunesp@gmail.com

Resumo

O presente projeto busca investigar vivências e percepções de pessoas com Síndrome de Down e suas experiências com o *Ballet* Clássico. Mesmo com inúmeras pesquisas que comprovam os benefícios da dança enquanto forma terapêutica para os mais diversos públicos, incluindo pessoas com deficiência, quando nos deparamos com relatos notamos que muitas vezes quando há algum tipo de comprometimento intelectual, os pesquisadores não utilizam os relatos de experiência desse público, contribuindo para uma exclusão e marginalização. Este estudo tem como objetivo oferecer aulas de *Ballet* clássico, que serão ministradas pela própria pesquisadora junto de um auxiliar, para adolescentes com Síndrome de Down de 12 a 14 anos de idade de uma cidade do interior do estado de São Paulo e perscrutar quais percepções das/dos participantes sobre as contribuições das aulas em seu desenvolvimento. Para tal, utilizaremos o método de pesquisa-ação. Faremos encontros semanais os quais serão registrados através de Diários de Campo, e colheremos entrevistas antes, durante e depois do processo para fins de comparação.

Palavras-chave: Síndrome de Down. *Ballet*. Inclusão.

Introdução

O presente projeto possui como objetivo investigar as percepções de adolescentes com Síndrome de Down acerca das possíveis contribuições que aulas de *ballet* podem trazer em seu desenvolvimento. Com esse estudo, buscamos ampliar o olhar sobre, através do rompimento de padrões estéticos, do “o que é ser um bailarino” e principalmente da ideia de incapacidade a fim de promover uma sociedade mais justa e inclusiva.

Também procuramos recuperar o protagonismo desse público, o qual foi amplamente marginalizado e excluído, trazendo um novo viés sobre “quem pode contribuir com a construção do conhecimento” o tornando a ciência mais universal e horizontal através da valorização do discurso dos mesmos.

Discussão

A Síndrome de Down (SD) foi estudada e categorizada por John Langdon Down em 1866 no intuito de diferenciar crianças com um atraso intelectual do “hipotireoidismo congênito ou cretinismo” (SCHWARTZMAN, 1999, p. 7). A SD se caracteriza pela presença

da trissomia do cromossomo 21, isto é um erro na divisão de gametas que resulta na presença de material genético a mais gerando a síndrome.

Pessoas que possuem a SD costumam ser estigmatizadas e excluídas socialmente por não estarem dentro do padrão imposto socialmente, uma vez que a Síndrome traz algumas dificuldades cognitivas e físicas. Entretanto, as construções de barreiras sociais ocasionalmente trazem o impedimento de acesso a espaços, oportunidades e atividades, dessa forma, os déficits observados em pessoas com SD podem ser, muitas vezes, recorrentes das barreiras sociais e não das características da condição da pessoa.

É preciso compreendermos as dificuldades e condições específicas da deficiência para contorná-las a fim de minimizá-las e promover uma melhoria na qualidade de vida dessas pessoas. Atualmente, existem inúmeros tipos de tratamentos e terapias como a fisioterapia, psicoterapia, a medicação e métodos não-convencionais, como por exemplo, a área da dança.

No caso da dança é muito comum associarmos a representação de um (a) bailarino (a) com um certo biotipo corporal, cabe aqui uma crítica a forma tradicional de bailarinos eruditos os quais são treinados através de um repertório de movimentos repetitivos e restritos. A dança deve ser uma expressão corporal que retrate os sentimentos daquele que a executa trabalhando sua corporeidade, Liberato e Dimenstein (2009) chamam esse tipo de dança de “para poucos” uma vez que esta possui formação higienista, padronizados e normalizados, muito comuns no *Ballet* .:

“uma dança para poucos” é aquela que toma a prática da dança como uma tecnologia disciplinar, isto é, um modo de fabricar corpos fortes, vigorosos e aptos a diferentes ações, mas que são esvaziados de sua potência de resistência e invenção (LIBERATO; DIMENSTEIN, 2009, p.165).

Alves (2012) em seus estudos com pessoas que possuem deficiência intelectual demonstrou que a dança pode ser contribuinte nos processos de aprendizagem, no desenvolvimento da criatividade e se torna uma força propulsora de transformações na vida dos praticantes podendo ser amplamente utilizada como terapia. Omote (2005) ressalta a importância de associarmos experiências positivas a pessoas com deficiência como instrumento de inclusão social, uma vez que ao assistirmos pessoas com deficiência dançar entramos em contato com uma nova configuração de possibilidade do dançar.

No âmbito psicológico e social Braga (2002) afirma que existe um ganho devido à possibilidade de expressão de desejos, alegrias, pesares. Além da criatividade, autodisciplina, concentração, interação com o outro e também traz para sociedade uma nova visão acerca desses sujeitos.

Buscamos ampliar o olhar sobre a diversidade trazendo uma *práxis* transformadora da sociedade a fim de torná-la mais justa e inclusiva através do rompimento de padrões enraizados e cristalizados sobre o “como um bailarino deve ser e parecer” bem como abrir possibilidades de novas formas do dançar repensado a concepção de incapacidade a qual é comumente atrelada a pessoas com algum comprometimento físico e intelectual.

Metodologia

Utilizaremos a pesquisa participante visto que carecemos de pesquisas que dão oportunidades a pessoas com algum tipo de comprometimento intelectual se expressarem. O método será da pesquisa-ação uma vez que esta permite a construção do conhecimento junto

ao participante enquanto o pesquisador intervém sobre a realidade destes, além de manter a horizontalidade entre o pesquisador e o grupo podendo “levar a um resultado específico imediato, no contexto do ensino-aprendizagem” (ENGEL, 2000, p. 183).

Os participantes serão adolescentes de ambos os sexos, com idade entre 12 a 14 anos de idade que possuam Síndrome de Down desde que sejam autorizados por médicos ou especialistas a praticar esportes. Estes participaram de aulas de *ballet* clássico ministradas pela pesquisadora junto de um (a) bailarino (a) auxiliar com 1 hora de duração e frequência de 1 vez por semana. A pesquisa ocorrerá em uma cidade do interior de São Paulo em uma academia, cedida por sua proprietária, em uma sala a qual já é equipada com espelhos, barras de *ballet* fixas e aparelho de som.

Os instrumentos a serem utilizados serão entrevistas semiabertas, aplicadas antes do início e após o término das aulas, as quais visam investigar as opiniões acerca do ensino e prática do *ballet* clássico, expectativas em relação às aulas e resultados, se houve o cumprimento das expectativas em relação as aulas e resultados, e se houve uma percepção de melhora após as aulas. As entrevistas serão gravadas com o auxílio de um gravador e transcritas sendo que serão divididas por inicial e final a fim de comparação.

As aulas serão registradas através da técnica de diário de campo o qual será feito após o término de cada aula pela pesquisadora, uma vez que o olhar do pesquisador não é neutro o (a) bailarino (a) auxiliar também fará esse registro a fim de proporcionar uma segunda perspectiva.

Referências

ALVES, Flávia Regina Ferreira et al. **Proposta metodológica de dança para crianças com deficiência intelectual**. Conexões, Campinas, SP, v. 10, n. 3, p. 101-112, dez. 2012. ISSN 1983-9030. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637650>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

BRAGA, Douglas Martins; MELO Andréa Passarelli Galão e; LABRONICI, Rita Helena Duarte Dias; CUNHA, Márcia Cristina Bauer; OLIVEIRA, Acary de Souza Bulle de. **Benefícios da Dança Esporte para Pessoas com Deficiência Física**. Disponível em: <<http://www.revistaneurociencias.com.br/edicoes/2002/RN%2010%2003/Pages%20from%20RN%2010%2003-6.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

ENGEL, Guido Irineu. **Pesquisa-Ação**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n16/n16a13.pdf>>. Acesso em: 03 de abril de 2018.

LIBERATO, Mariana Tavares Cavalcanti; DIMENSTEIN, Magda. **Experimentações entre dança e saúde mental**. *Fractal*, Rev. Psicol, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 163-176, Abr. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922009000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 de abril 2017.

OMOTE, Sadao et al. Mudança de atitudes sociais em relação à inclusão. *Paidéia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 15, n. 32, p. 387-396, Dec. 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2005000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 de Outubro de 2017.

SANTOS, Erica Iolanda Rodrigues dos; NETO, Artur Joaquim Preguiça; GAMA, Patrícia de Souza. **A dança e seus aspectos psicomotores em aulas de Educação Física Infantil para crianças com Síndrome de Down**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 16, Nº 162, Novembro de 2011. <http://www.efdeportes.com/>. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd162/a-danca-para-criancas-com-sindrome-de-down.htm>>. Acesso em 16 de agosto de 2017.

SCHWARTZMAN, José Salomão et al. **SÍNDROME DE DOWN**. São Paulo: Mackenzie, 1999.